



O que “eles” sabem, o que “eles” não sabem que sabem e o que “eles” não sabem

O karatê-Dô é, acima de tudo, uma manifestação cultural. Ainda que tenha chegado ao ocidente, após a 2ª Guerra Mundial, sob a forma de modalidade de luta, a interação entre os lados do mundo permitiu-nos perceber, ao longo dos anos, que seria impossível praticá-lo e, menos ainda, entendê-lo sem a exata compreensão de suas raízes teosóficas, da cultura (de Okinawa e do Japão), da forma de ser, dos valores e princípios, da postura, da história, enfim, de tudo que diz respeito a uma cultura em suas multifacetadas dimensões.

A técnica dos movimentos não passa de veículo de manifestação cultural. Daí as preocupações estéticas e éticas, a compreensão dos valores e a situação histórica. Frequentemente, a quem pensa sobre o fenômeno, ocorre interpretações aparentemente novas, mas que já foram preocupações antigas de quem concebeu esse complexo sistema de autoconhecimento.

É claro que a arte se expande, podendo ganhar dimensões muito diversas, todas elas nutridas pela mesma raiz. O desporto que se espalhou pelo mundo, nas suas mais diversas expressões, tem origem no mesmo sistema com vocação educacional e, mais acima, na altura do autoconhecimento, propondo-se a responder às mais elevadas indagações que ao ser humano acomete: afinal quem somos?

A interpenetração entre o universo do praticante com a bagagem cultural da arte é o que de melhor esta tem a oferecer àqueles que dela se abeberam. É necessário compreender as origens dessa peculiar fenomenologia para aplicá-la à vida corrente de todos aqueles que a ela se dedicam.

Por primeiro, portanto, convém receber o ensinamento daquilo que os orientais sabem, querem e podem transmitir. Não se trata de pouco material especulativo. Essa tradição, no que ela tem de explícita, é aluvião inesgotável de descobertas, nas diversas leituras que os ensinamentos disponíveis podem ter. O praticante mediano – talvez – jamais conseguirá ir além disso, mas se o fizer com convicção terá andado muito em direção ao seu interior e à compreensão da natureza humana.

Para além dessa recepção dos conhecimentos disponíveis e ensinados, está aquilo que os originais não sabem que devem transmitir, mas o fazem na forma de agir e pensar. Nesse espaço especulativo estamos mais abaixo da dinâmica e multidimensional superfície daquilo que é possível aprender porque é ensinado. Aqui, o praticante – provavelmente já professor – deverá observar o fenômeno mais a fundo, e entender aqueles aspectos da cultura nipônica



que impregnam a ação humana que veio de lá, isolando-os para o fim de identificá-los e, assim, otimizá-los em proveito próprio e dos demais que o cercam.

Nessa categoria estão os elementos relativos à conduta e à postura que não podem ser ensinados, senão absorvidos por aqueles que imergem na cultura, mesmo que à distância. Esses elementos culturais, na forma de agir e de ser, não são intrinsecamente bons ou ruins, mas representam influência fundamental ao fenômeno que na mesma cultura germinou e floresceu. Será possível entender que as mãos são nuas, que a coluna é ereta, que o semblante não pode ser interpretado. O cenho é franzido e o treinamento é duro, como a vida.

É necessário extrair esses aspectos do montante cultural que subjaz a essa manifestação. Sua prática não será verdadeira sem que todos os elementos possam ser sentidos e compreendidos. Compreende-se um povo pelo que é e pelo que foi, por seus valores e sua história. Pouco ou nada se poderá retirar de sua cultura sem essa prospecção.

Por fim, o que sobra é o porvir. Quanto já temos disponíveis os registros midiáticos espalhados pela rede de computadores, é possível perceber que o karatê-Dō não é hoje o que sempre foi. Como qualquer manifestação cultural transforma-se com o tempo, adquirindo novas feições e colorido, ao sabor das circunstâncias, do local e dos valores que a influenciam.

O terceiro estágio da compreensão está exatamente naquilo que a arte poderá significar, e não somente em seu apuro técnico, na intersecção com outras artes ou formas de ver a realidade, na constante experimentação, mas em suas aplicações ainda não descobertas.

Esse universo segue inexplorado, embora já seja possível divisar, por entre as frestas do futuro, suas enormes possibilidades.